PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em Administração e Programa de Pós-Graduação em Economia FEA/PUC-SP

SUSTENTABILIDADE

ODS 5

IGUALDADE DE GÊNERO NA SOCIEDADE

Disciplina Sustentabilidade 1s 2019
Turma: ADM-NB9
Prof. Dr. Arnoldo José de Hoyos Guevara

Júlia Scuracchio, Larissa Leal, Mateus Gallo

São Paulo
2019

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 3
CAPITULO 1. A IGUALDADE DE GÊNERO 3
1.1 - Igualdade de Gênero 3
1.2 - Qual a Importância da Igualdade de Gênero na Sociedade 4
1.3 - Como o Mundo Está Lidando Perante a Igualdade de Gênero? 7
CAPITULO 2. TRAJETÓRIA DE LUTAS PELA IGUALDADE ENTRE OS GÊNERO 11
2.1 - Igualdade de Gênero na Pré-História 12
2.2 - Igualdade de Gênero na História 13
CAPÍTULO 3. SOCIEDADE IGUALITÁRIA: BENEFÍCIO PARA OS HOMENS 14
3.1 - Negligenciar Metade Afeta o Todo 14
3.2 - Elas no Mercado de Trabalho 18
3.3 - Representantes que Impactam 22
3.3.1 - Iniciativas e Mulheres que Melhoram o Mundo para Todas (e todos) 25
CONCLUSÃO 28
REFERÊNCIAS 29

INTRODUÇÃO

O feminismo teve início com a chegada da mulher no mercado de trabalho durante a Revolução Industrial no século 18. Os primeiros movimentos de operárias, na Europa e nos Estados Unidos, protestavam contra as jornadas exaustivas de trabalho, contra os salários medíocres e pelo fim do trabalho infantil, comum nas fábricas durante o período.

A luta trabalhista feminina continuou durante os séculos 19 e 20, numa onda de protestos que ficou ainda mais forte com a chegada Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e se espalhou pelo mundo todo. Em 8 de março de 1917, o protesto "Pão e Paz", na Rússia, reuniu 90 mil mulheres. Foi a partir desta mobilização que a data se consagrou como o ***Dia Internacional da Mulher*** - embora o documento oficial tenha sido assinado apenas em 1921.

A Organização das Nações Unidas (ONU), entretanto, demorou 20 anos para reconhecer os direitos das mulheres. Foi no ano de 1945 que a entidade assinou o primeiro acordo internacional que assegurava princípios de igualdade entre os gêneros. Na década de 60, o movimento feminista ganhou mais adeptos. O ano de 1975 foi declarado oficialmente o Ano Internacional da Mulher e em 1977 o "8 de março" foi reconhecido oficialmente pela ONU.

CAPITULO 1. A IGUALDADE DE GÊNERO

No Brasil, a luta feminina ganhou força com o movimento das sufragistas, nas décadas de 1920 e 1930, que conseguiram depois de muitos protestos o direito ao voto em 1932, na Constituição promulgada por Getúlio Vargas.

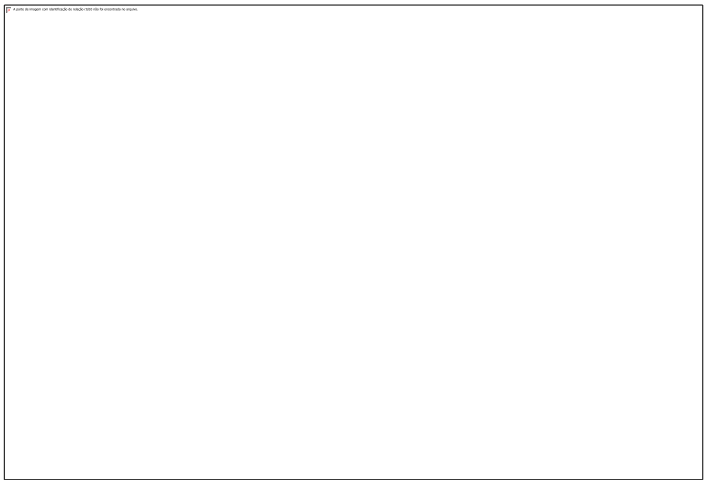

Figura 1. A Luta Feminina no Brasil
Fonte: http://itv.org.br/pensando-o-brasil/inclusao-social/luta-pela-igualdade-de-genero-e-a-grande-marca-do-dia-internacional-da-mulher

1.1 - Igualdade de Gênero

Na década de 1970, a igualdade social entre homens e mulheres, a sexualidade e a saúde da mulher começaram a pautar as discussões da política nacional.

Somente em 1982 o feminismo passou a manter um diálogo importante com o Estado, com a criação do Conselho Estadual da Condição Feminina em São Paulo, e em 1985, no governo Franco Montoro, com o aparecimento da primeira Delegacia Especializada da Mulher.

Figura 2
Fonte: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/social-and-human-sciences/human-rights/gender-equality/

1.2 - Qual a Importância da Igualdade de Gênero na Sociedade

A Igualdade entre mulheres e homens é uma questão de direitos humanos e uma condição de justiça social, sendo igualmente um requisito necessário e fundamental para a igualdade, o desenvolvimento e a paz. A Igualdade de Género exige que, numa sociedade, homens e mulheres tenham as mesmas oportunidades, rendimentos, direitos e obrigações em todas as áreas. Devem e beneficiar das mesmas condições:

- no acesso à educação
- nas oportunidades no trabalho e na carreira profissional
- no acesso à saúde
- no acesso ao poder e influência

Tendo em conta as desigualdades e grandes assimetrias que persistem, a promoção da igualdade passa, um pouco por todo o mundo, pelo empoderamento das mulheres e pela melhoria da sua saúde sexual e reprodutiva, nomeadamente o acesso a planeamento familiar efetivo. Em outro nível de decisão, a introdução da perspectiva de género nas políticas é uma das ferramentas fundamentais de combate às desigualdades.

O empoderamento visa o equilíbrio de poder entre homens e mulheres, ao criar as condições para que a mulher seja autônoma nas suas decisões e na forma de gerir a sua vida.

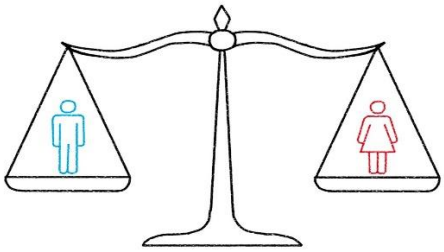

Figura 3
Fonte: noticias.bol.uol.com.br

De acordo com os dados do FNUAP, o Fundo das Nações Unidas para Desenvolvimento da População, proporcionalmente há mais mulheres pobres que homens. Ou seja: a pobreza é feminina. As desigualdades são óbvias em todas as áreas, como a saúde e educação.

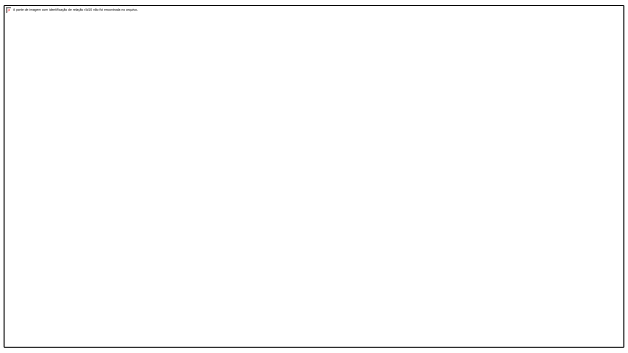

Figura 4
Fonte: http://movimentomulher360.com.br/numero/73-dos-homens-consideram-muito-ou-extremamente-importante-igualdade-de-genero-no-mercado-de-trabalho/

A igualdade de gênero está sendo holofote em diversos países e está conquistando uma maior proporção cada vez mais, como podemos ver nas matérias abaixo:

- **ONU Mulheres participa de congresso em SP sobre igualdade de gênero no Brasil.**

  A ONU Mulheres participa nesta quinta-feira (23/05/19) do Congresso Nacional de Liderança Feminina (CONALIFE), em São Paulo (SP), cujo objetivo é discutir diversidade, igualdade de gênero e liderança feminina no Brasil.

  O tema da quarta edição do evento é “Liderança 4.0 – Um novo olhar sobre nós”. O encontro pretende discutir com gestores do setor público, privado e da sociedade civil formas de garantir mais diversidade nas organizações com a ajuda das tecnologias de informação e comunicação.

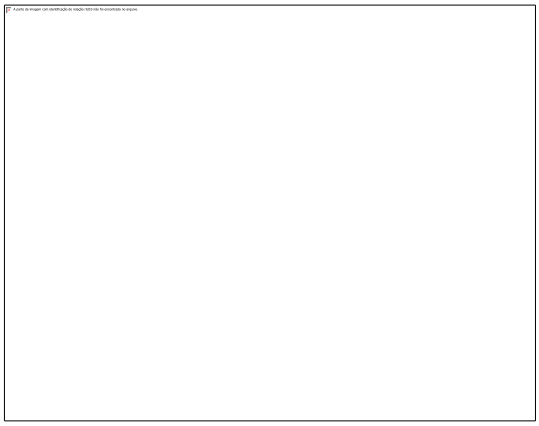

Figura 5
Fonte: https://nacoesunidas.org

> "É preciso assegurar que as mulheres, todas as mulheres, mulheres negras, mulheres com deficiência, mulheres lésbicas, usufruam dos benefícios do desenvolvimento econômico e tenham as mesmas oportunidades".
> CONGRESSO NACIONAL DE LIDERANÇA FEMININA – CONALIFE

> "Pela primeira vez, mulheres ocupam chefia de todas as comissões regionais da ONU"
> CONGRESSO NACIONAL DE LIDERANÇA FEMININA – CONALIFE

As comissões regionais das Nações Unidas existem há mais de 70 anos. Mas, pela primeira vez, cada uma delas está sendo comandada por uma mulher nomeada pelo secretário-geral da ONU, António Guterres.

Esta conquista destaca que, desde o dia que assumiu, o chefe da ONU está determinado a alcançar a paridade de gênero até 2030, como parte da Agenda para o Desenvolvimento Sustentável.

A ONU News conversou com estas líderes sobre os passos que estão sendo dados para tornar realidade o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 (ODS 5), sobre empoderamento de mulheres.

Figura 6
Fonte: https://nacoesunidas.org

1.3 - Como o Mundo Está Lidando Perante a Igualdade de Gênero?

Figura 7
Fonte: Politize.com.br

- **Dias Atuais**

Atualmente, a paridade de gênero avançou consideravelmente. Já podemos notar em universidades uma grande representação tanto de homens quanto de mulheres.

Relatórios do MEC apresentam a existência de 2.391 instituições de ensino, sendo estas divididas em faculdades, universidades, centros universitários e institutos federais. Os dados ainda mostram que a participação feminina nas universidades supera a participação dos homens, apresentando um número de 4.028.429 matrículas de mulheres e 3.009.51 de homens, num total de 7.037.680 ingressos efetivados no ano de 2012, segundo o INEP.

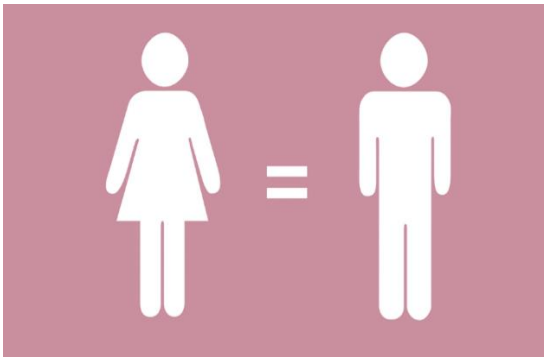

Figura 8
Fonte: Politize.com.br

Na política, o número de mulheres que se elegem vereadoras, prefeitas, senadoras e a outros cargos, aumentou consideravelmente, quando comparamos as décadas passadas. Apesar

disso, a representatividade feminina na Câmara é de apenas 10.5%, e no Senado de 16%. Além da cota mínima de representatividade exigida pela lei, outras 40 propostas seguem em tramite no Congresso, a fim de aumentar a representatividade feminina na política.

A candidatura de pessoas trans também aumentou no ano de 2016, atingindo um total de 94 candidatos e candidatas, dos quais 6 conseguiram eleger-se. Este tipo de realidade levanta a bandeira de causas, até então, deixadas de lado pela maioria da população, em especial o próprio governo. Além deste aumento na representatividade, eleitores transgêneros e travestis.

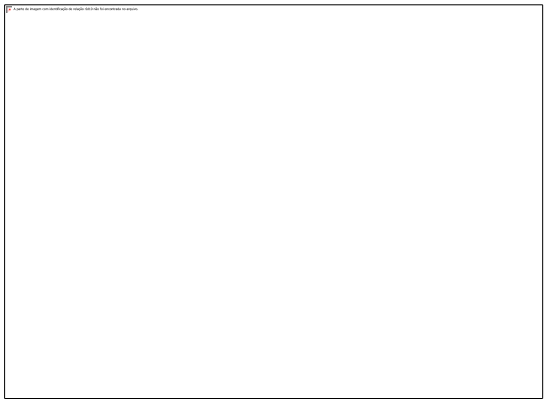

Figura 9
Fonte: Politize.com.br

Mulheres empreendedoras e bem sucedidas em áreas como Direito, Medicina, Contabilidade e outras já é uma realidade atual, tendo em vista que houve um aumento de 11% na participação feminina no mercado nos últimos 10 anos.

A grande luta hoje tem seu enfoque na igualdade salarial, pois, apesar de ocuparem cargos antes considerados masculinos, as mulheres ainda ganham 30% menos que os homens.

Podemos ver no quadro abaixo, países mais avançados na questão de igualdade de gênero x menos:

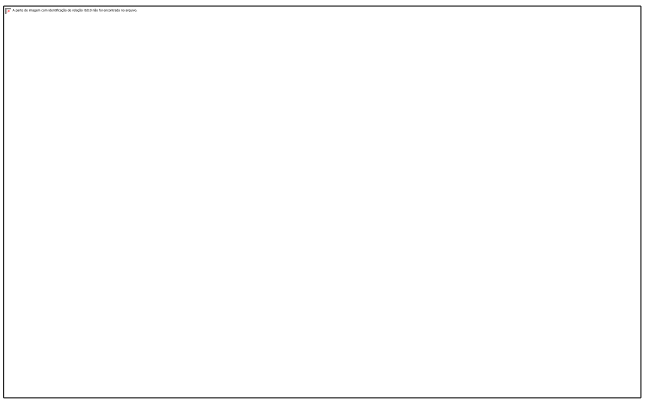

Gráfico 1
Fonte: https://wiki.redejuntos.org.br/busca/igualdade-de-genero-ao-redor-do-mundo-indices-e-indicadores

- **A disparidade de salário no esporte.**

A melhor jogadora de futebol feminino do mundo, Marta, está colocando holofotes em um problema global, a grande diferença de salários entre homens e mulheres no esporte.

Nessa Copa do Mundo (2019), a jogadora está se apresentando com chuteiras pretas — sem qualquer marca de patrocinador.

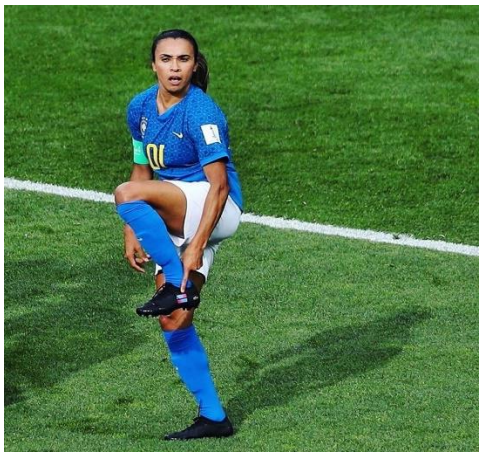

Figura 10
Fonte: Go equal

Segundo dados, Marta recebeu na última temporada apenas 0,3% do salario da grande estrela brasileira de futebol masculino, Neymar.

Na chuteira de Marta, que é embaixadora global da ONU Mulheres, o que se vê, no lugar da logomarca de um patrocinador, é o símbolo do movimento "Go equal", que luta por equidade de gênero.

A discrepância entre o que jogadoras e jogadores recebem ficou evidente em um levantamento feito este ano pela revista "France Football", uma das mais renomadas da área, sobre os maiores salários do futebol mundial. A lista mostrou que a soma dos cinco salários mais altos do futebol feminino totaliza € 1,79 milhões — o equivalente a cerca de R$ 7,7 milhões. Isso não é sequer um décimo do salário do quinto jogador mais bem pago, Gareth Bale, que leva para casa € 40,2 milhões — algo em torno de R$ 175 milhões.

No ranking, a atacante norueguesa Ada Hegerberg, eleita a melhor do mundo em 2018, recebe € 400 mil por temporada — 325 vezes menos do que Messi. Convertendo o valor para um salário mensal, a jogadora do Lyon recebe € 33 mil (cerca de R$ 150 mil), já o argentino ganha € 10,8 milhões por mês (cerca de R$ 47 milhões). Em protesto, Ada Hegerberg se recusou a participar desta Copa do Mundo.

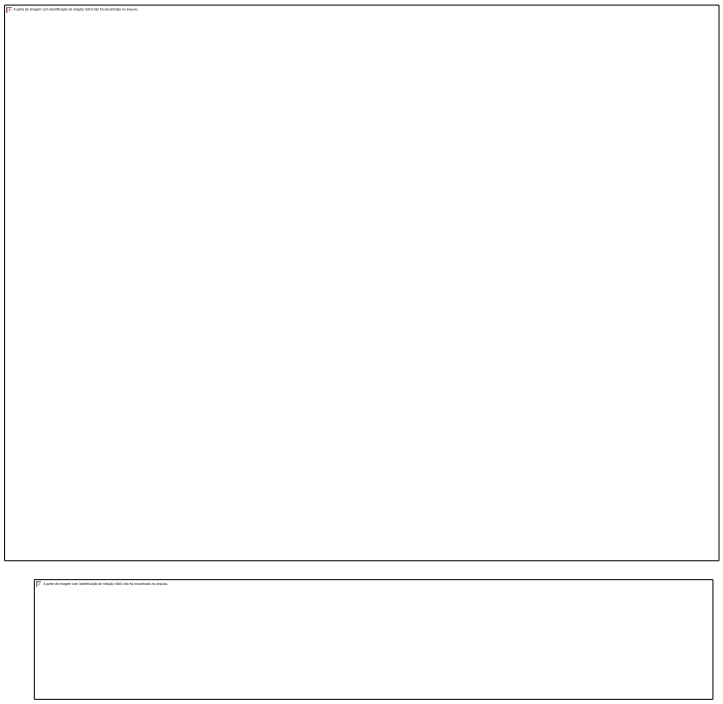

Figura 11
Fonte: https://oglobo.globo.com/celina/por-que-marta-nao-tem-neymar-23746450patrocinio-ganha-menos-de-1-do-salario-de-

O principal argumento usado para "justificar" esse cenário é o fato de que o futebol feminino, enquanto produto, é bem menos rentável do que o masculino, logo gera menos dinheiro para se investir nas atletas. No entanto, quem estuda o assunto recomenda inverter essa relação de causa e efeito.

Doutor em Gestão de Esporte, Marco Aurélio de Sá Ribeiro, diz que, o futebol feminino é "estrangulado na distribuição": não tem cobertura televisiva — esta é a primeira Copa do Mundo com transmissão na TV —, não tem as partidas divulgadas e enfrenta dificuldade na formação de ídolos.

Marco Aurélio sugere estabelecer uma espécie de cota, que traria mais visibilidade e, logo, mais interesse de público e anunciantes.

- **(A cota)**

  É uma solução bem simples, que já foi usada em outras esferas da vida pública. Vamos experimentar colocar a cada três quartas-feiras, por exemplo, uma exibição de futebol feminino na televisão para ver se o cenário já não muda completamente — sugere o especialista. — Se não tomarmos iniciativas para quebrar esse ciclo, nada vai mudar, e as jogadoras continuarão ganhando menos só porque são mulheres. Essa mudança não vai acontecer naturalmente, por "forças mercadológicas". Não dá para ficar sentado esperando.

Apesar de tudo isso que ocorre no futebol, alguns esportes já estão evoluindo nessa questão de desigualdade. Desde 1973, o US Open de tênis resolveu dividir igualmente os prêmios entre homens e mulheres depois de uma campanha impulsionada por uma das melhores tenistas da época, a americana Billie Jean King e outras oito jogadoras.

Figura 12
Fonte: https://images.app.goo.gl/3QGjsPJo3bLbgeGJ8

Entre os esportes pioneiros na igualdade de gêneros, além do tênis, encontram-se o atletismo, a patinação, o tiro e o vôlei, enquanto nos últimos anos, esportes como mergulho, vela, e alguns eventos de ciclismo também estabeleceram o fim das diferenças nas premiações.

CAPITULO 2. TRAJETÓRIA DE LUTAS PELA IGUALDADE ENTRE OS GÊNERO

Quando o ideal de igualdade emergiu, a reivindicação de direitos por meio do feminismo se tornou uma parte da vida da mulher

Se vivemos hoje em uma sociedade na qual a mulher é parte do sistema democrático, possui direito ao voto, à participação política, à educação e até mesmo à métodos contraceptivos, saiba que não foram conquistas fáceis e muito menos rápidas. A luta feminina pela igualdade dos gêneros arrasta-se por séculos como uma forma de resistência à ideologia patriarcal e como uma ferramenta de transformação social.

Figura 13
Fonte: freepicks.es

A história conta que as funções femininas poderiam ser resumidas à reprodução, aos cuidados com a casa e com os filhos. Desde o momento em que uma menina nascia, sua educação era toda voltada para a execução de um papel social pré-definido, aquele que devia corresponder às expectativas masculinas.

As garotas eram ensinadas que o mais adequado era que fossem obedientes, primeiro aos pais e depois ao marido. Entretanto, mesmo em contextos de dominação e repressão, sempre existiram mulheres dispostas a mudar a história. Por isso, vamos conhecer um pouco mais sobre a história do feminismo:

Nos tempos da Roma antiga, a chamada Lei Ópia, instaurada durante a Segunda Guerra Púnica (218 – 201 a.C.), determinava, por exemplo, que as mulheres romanas não podiam deter riquezas ou vestir roupas com cores chamativas. Foram vinte anos de restrições, até que o Tribuno da Plebe – que atuava no Senado – propôs sua revogação. As romanas demonstraram todo apoio, montaram barricadas nas ruas e pressionaram senadores, organizando manifestações até que a lei fosse derrubada.

2.1 - Igualdade de Gênero na Pré-História

No começo da civilização humana (mais conhecida como pré-história), existia igualdade de gênero. Durante o período paleolítico, as pessoas se organizavam em tribos de coletores e caçadores e homens e mulheres tinham a mesma influência sobre as decisões dos grupos. “Existe uma percepção geral de que os coletores e caçadores eram mais machos ou dominados por machos. Nós afirmamos que foi apenas com o advento da agricultura, quando as pessoas puderam começar a acumular recursos, que surgiu a desigualdade”, disse ao jornal britânico The Guardian Mark Dyble o antropólogo que liderou o estudo na University College London. Segundo o especialista, a igualdade entre os sexos pode ser um dos importantes fatores

que nos diferencia dos nossos parentes primatas. “Chipanzés vivem em sociedades bastante agressivas, dominadas por homens e com hierarquias claras”.

Os cientistas analisaram dados de duas populações de caçadores e coletores, um no Congo e outro nas Filipinas, que viviam em grupos de 20 pessoas, mudavam de lugar a cada dez dias e viviam de caça, peixe e frutas, vegetais e mel. Nas Filipinas, por exemplo, as mulheres caçavam e eram responsáveis por coletar o mel, e os homens atuavam significativamente no cuidado das crianças.

Parece uma grande descoberta, mas na verdade é apenas uma prova científica do que teóricos falam há bastante tempo. O filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778) refletia sobre a oposição entre natureza e sociedade e o possível equilíbrio entre as necessidades básicas do ser humano com as do meio físico. Para ele, a origem dos males da civilização, como a desigualdade, estava no aparecimento da propriedade privada, que produzia uma forma de conduta moral degenerada das pessoas, com sentimentos como o egoísmo e o desejo de posse.

2.2 - Igualdade de Gênero na História

- **No Século das Luzes**

  “No século 18, com o trabalho de pensadoras iluministas, defensoras da educação feminina, o mundo deu seu primeiro grande salto em busca da igualdade social, política, cultural e econômica entre os sexos”, analisa Patrícia Rocha, em sua obra Mulheres: sob todas as luzes.

  O iluminismo foi um movimento intelectual que defendeu princípios como liberdade, igualdade e fraternidade. Sendo assim, as principais bandeiras femininas, naquela época, eram jurídicas, reivindicando o direito ao voto, ao trabalho e à educação.

- **Quebrando Paradigmas**

Figura 14
Fonte: noticiasuniversa.com

O pensamento de diversas mulheres no decorrer da história, a luta de muitas delas e as ideologias que adquiriram força no século 18 ganharam nome no século 19: feminismo. Com o pano de fundo de uma sociedade europeia liberal, tal movimento tratou-se (e ainda trata-se) de reivindicações femininas em busca de direitos iguais – tanto sociais, quanto políticos, econômicos e educacionais – entre homens e mulheres.

Pode-se dizer que o feminismo passou por três períodos: o primeiro, com raízes no século 18, efetivo entre o 19 e o 20; o segundo, nas décadas de 1960 e 1970 e o terceiro de 1990 até a atualidade. O surgimento da pílula anticoncepcional foi um marco da década de 60, quando as principais manifestações eram no sentido da liberdade sexual e dos direitos reprodutivos.

- **Na Modernidade**

O feminismo moderno (o momento que vivemos atualmente) também busca denunciar a opressão e as injustiças sociais que cercam a figura da mulher, mostrando como uma mentalidade enraizada interfere em suas vidas – questões como a legalização do aborto e o fim do assédio moral e sexual são constantemente citadas.

O objetivo continua sendo a igualdade de direitos entre os gêneros.

Muitos avanços são celebrados, entretanto, o movimento feminista ainda possui muitas causas pelas quais lutar. A mulher se depara, ainda hoje, com esta contradição: por um lado, uma herança histórica que a limitou a ser mãe, esposa; por outro, a possibilidade de escolher seu futuro e se fazer sujeito de sua história, bem como da humanidade, em pé de igualdade com o sexo masculino.

CAPÍTULO 3. SOCIEDADE IGUALITÁRIA: BENEFÍCIO PARA OS HOMENS

É importante ressaltar que o esforço para se ter uma sociedade igualmente justa não é uma questão de beneficiar as mulheres, mas sim entregar direitos irrecusáveis a metade da população mundial. No Brasil, de acordo com o IBGE, 51% da população é do gênero feminino.

3.1 - Negligenciar Metade Afeta o Todo

Negligenciar direitos básicos das mulheres impacta a sociedade como um todo, pois quanto temos uma parte de um projeto ruim, o projeto todo fica comprometido e sofre um impactado, então, quando temos metade da população sendo negligenciada, os outros 49% da população brasileira que é composta por homens, também sofre as consequências, a economia como um todo sofre, o ambiente geral perde, assim como a saúde e a educação.

Um novo estudo do Banco Mundial mostra que, se a desigualdade entre homens e mulheres acabasse, não só as brasileiras (mas toda a economia) sentiriam os benefícios. Já o relatório de 2018 do Fórum Econômico Mundial (WEF em inglês) mostra um panorama nada animador sobre a igualdade de gênero em 149 países. O Brasil caiu cinco posições (para a 95ª) em comparação aos anos anteriores e a diferença entre gêneros está em seu maior nível desde 2011.

Os principais motivos disso são, principalmente, as persistentes diferenças em participação e oportunidade econômicas, como vemos nos gráficos (em inglês) abaixo:

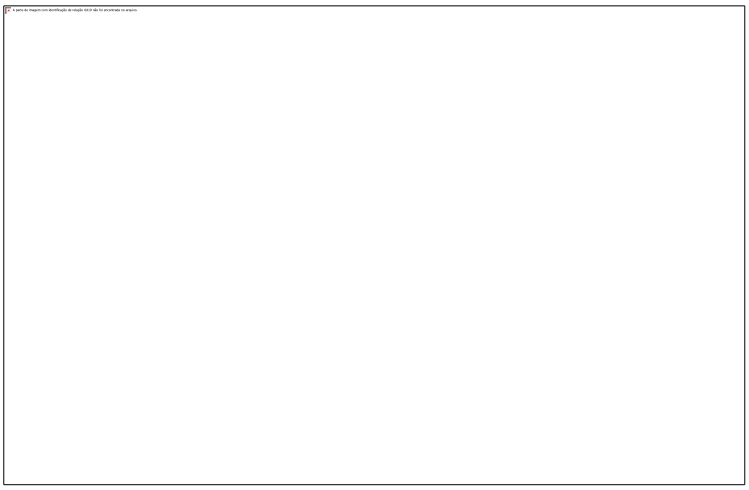

Gráfico 2
Fonte: The Global Gender Gap Index 2018

Esse relatório consegue mostrar a situação do Brasil em questão de desigualdade de gênero em diversas áreas, como participação e oportunidades econômica.

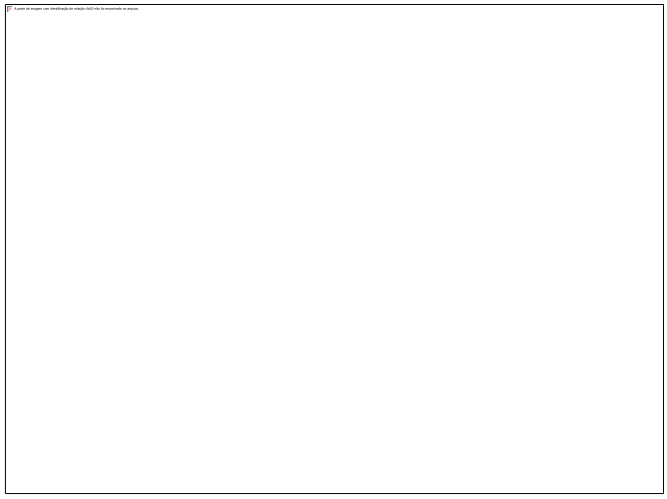

Gráfico 3
Fonte: The Global Gender Gap Index 2018

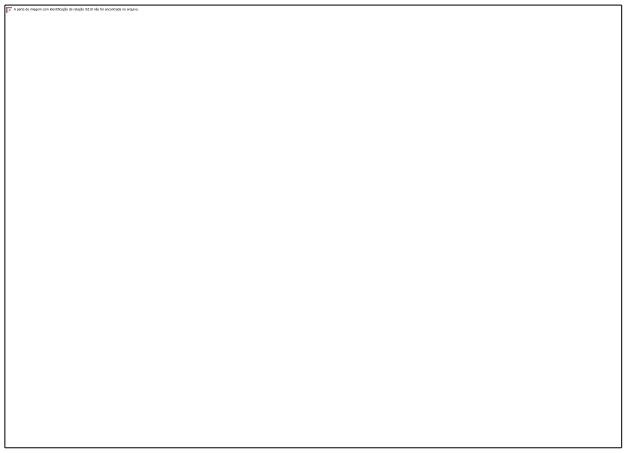

Gráfico 4
Fonte: The Global Gender Gap Index 2018

O gráfico acima mostra algumas informações importantes sobre educação e cuidados. Um exemplo de leitura do gráfico é de que as mulheres são beneficiadas ao obter 120 dias de licença maternidade, pois os homens têm uma licença de apensa 5 dias. Apesar de algumas empresas flexibilizarem uma licença paternidade de até 20 dias, podemos ver o quanto os homens também são prejudicados por não poderem acompanhar os primeiros meses de vida de seus filhos. E outra grande problemática pode ser vista quando a mulher fica sobrecarregada por ter que, além de se recuperar, cuidar de um recém sem a ajuda de seu companheiro e a longo prazo se fortalece a cultura errônea de que só as mulheres têm a obrigação e competências de cuidar da casa e família.

Em “Participação na Força de Trabalho”, vemos novamente que mesmo com anos de escolaridade superiores às dos homens, mulheres são maiorias desempregadas e ocupam quase o dobro dos trabalhos de meio período.

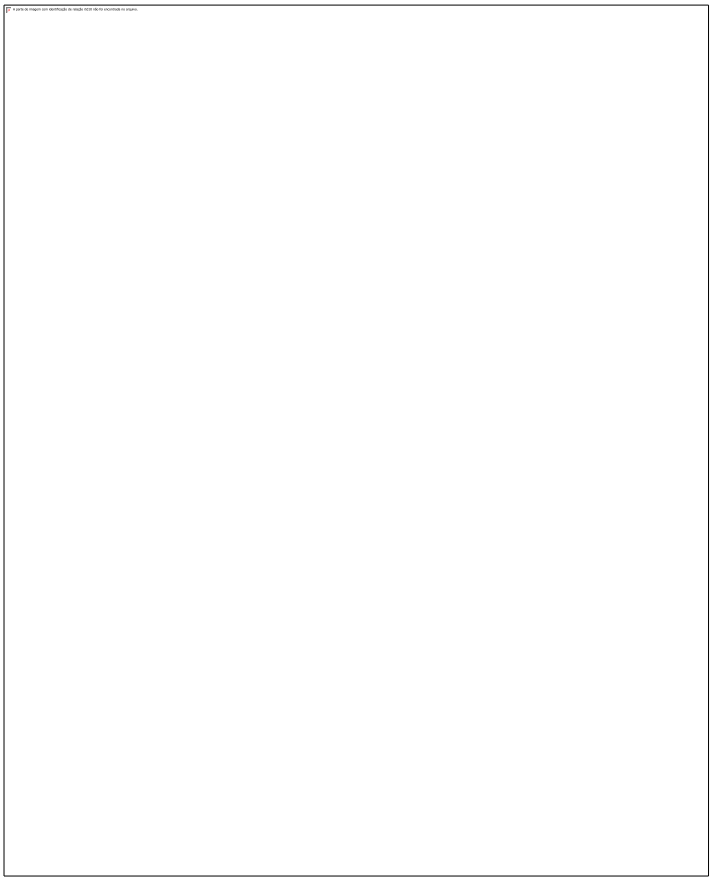

Gráfico 5
Fonte: The Global Gender Gap Index 2018

Também é possível comparar a área de formação acadêmica entre homens e mulheres, que apesar de não haver diferenças de competências entre os dois gêneros, as mulheres dominam as áreas mais “assistências”, como educação e saúde. Já os homens predominam nas áreas de Tecnologia e Engenharia.

Os efeitos da desigualdade sobre os homens também são vistos nos números de mortalidade entre os dois gêneros. A vasta maioria de mortes, sejam elas acidentais ou intencionais, por doenças etc., são dos homens. Essa cultura de que homens precisam ser sempre fortes, que cuidado é responsabilidade da mulher, que homens não tem tempo para cuidar de si, mas isso acaba matando esses mesmos homens por simplesmente não cuidarem de si, e esse ciclo acaba prejudicando toda a sociedade quando se fala em grande escala.

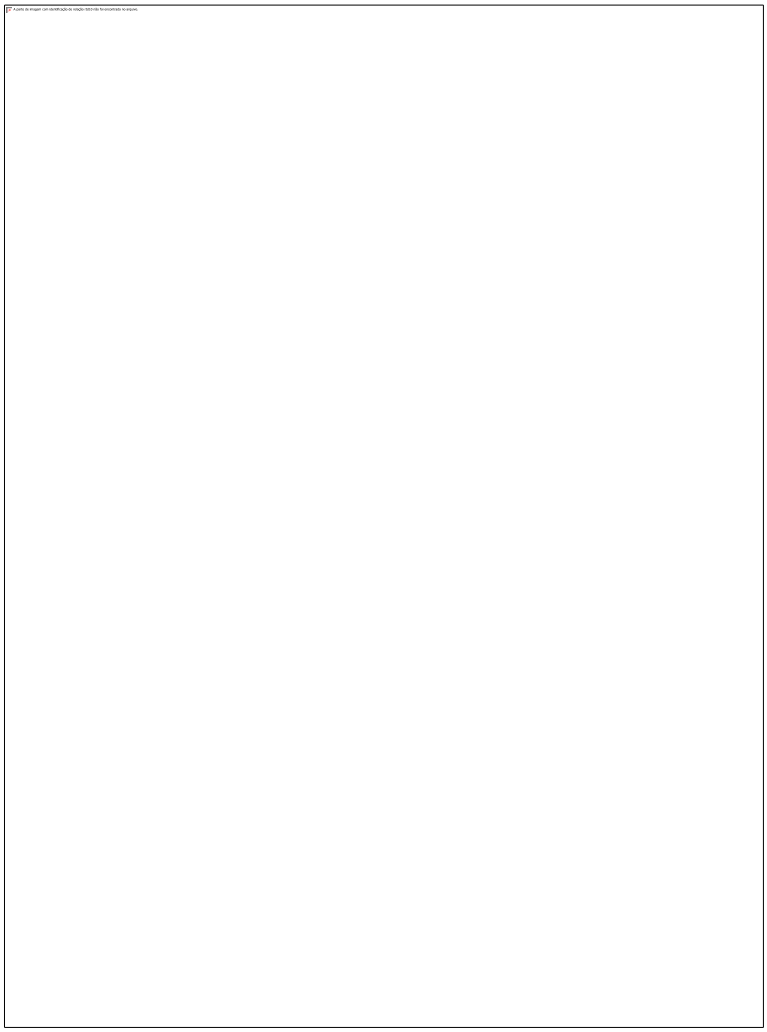

Gráfico 6
Fonte: The Global Gender Gap Index 2018

3.2 - Elas no Mercado de Trabalho

- **Pesquisa pessoal.**

Uma pesquisa feita para um projeto de aula, co-criada pela aluna Larissa do Carmo Leal, mostra uma parcial da visão de um público de 95 pessoas sobre o papel da mulher no mercado de trabalho. Do público de respondentes, 68% têm Ensino Superior (completo ou incompleto), 29% Ensino Médio (completo ou incompleto) e os outros 3% com ensino inferior ao médio. De todas as 95 respondentes, 74% se consideravam mulher e os outros 26% homem. Abaixo é possível ter um resumo de algumas respostas da visão desse grupo sobre a Mulher no mercado de trabalho.

➢ Resumo das respostas da pesquisa:

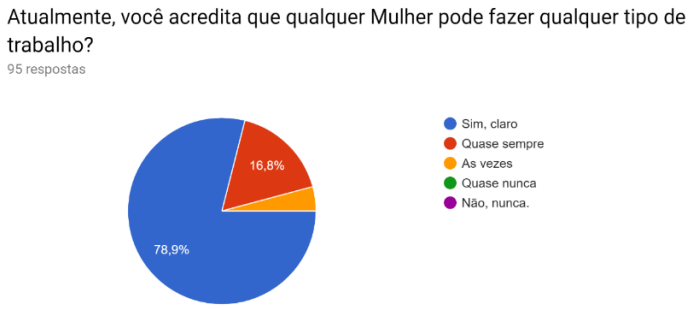

Gráfico 7
Fonte: Os Autores

De 95 respostas, a vasta maioria acredita que sim, mulheres podem fazer qualquer tipo de trabalho.

Gráfico 8
Fonte: Os Autores

No entanto, 48% observam que mulheres que são mães tem maior dificuldade para se manter ou conseguir um emprego.

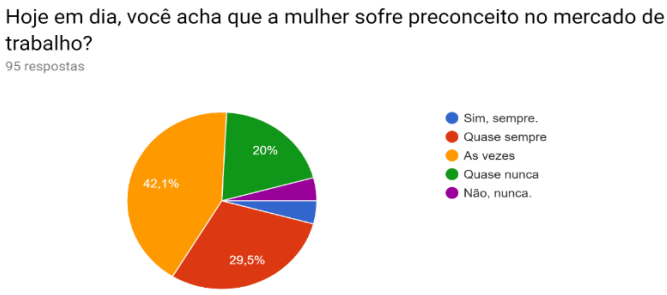

Gráfico 9
Fonte: Os Autores

A vasta maioria de 71% acredita que, as vezes ou quase sempre, as mulheres sofrem preconceito no mercado de trabalho.

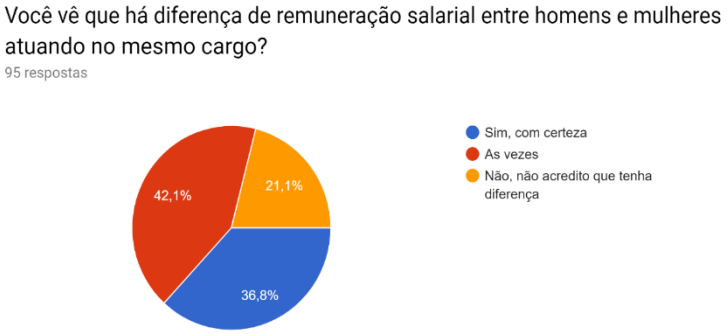

Gráfico 10
Fonte: Os Autores

E quase 79% dos respondentes percebem que há diferença de remuneração salarial entre homens e mulheres atuando no mesmo cargo.

Por fim, tentando entender se essa remuneração inferior poderia ser resultado de uma influência negativa da presença feminina no ambiente de trabalho, foi questionado se acreditavam que a presença feminina poderia interferir negativamente no ambiente de trabalho. De acordo com as respostas do questionário, 90% dos respondentes não acreditam nisso, e acham é indiferente trabalhar com homens ou mulheres, como mostra o gráfico abaixo:

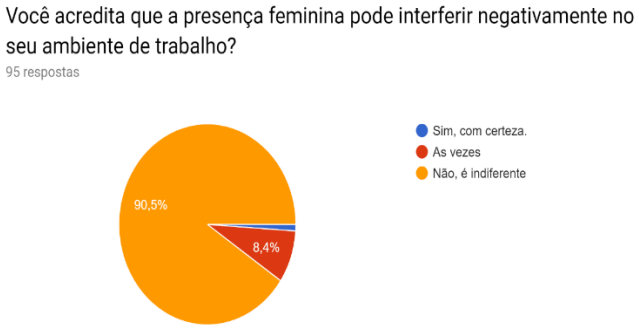

Gráfico 11
Fonte: Os Autores

- ***Força de trabalho feminina.***

De acordo com relatórios do International Labour Organization, ILOSTAT database e World Bank, as brasileiras representam quase 44% da força de trabalho nacional, onde 53% das empresas do país têm uma mulher entre os principais donos.

As mulheres também têm mais escolaridade do que os homens. Mesmo assim, as mulheres ainda são discriminadas pelo mercado de trabalho – e continuam a fazer a maior parte das tarefas domésticas.

Em 2016, as mulheres dedicavam, em média, 18 horas semanais a trabalhos domésticos ou a cuidados com pessoas, contra 10,5 horas dos homens, de acordo com o IBGE. Esse é um dos fatores que levam mais mulheres do que homens a buscar empregos de jornada parcial, com remuneração inferior e mesmo com o trabalho em tempo parcial, a mulher ainda trabalha mais. Se somarmos as horas de trabalhos remunerados com as de cuidados e afazeres, a mulher trabalha, em média, 54,4 horas semanais, contra 51,4 dos homens.

Além disso, mulheres não apenas também ocupam menos posições sêniores (nem 40% dos cargos gerenciais são das mulheres, segundo o IBGE) como também ganham menos em relação aos homens à medida que ascendem profissionalmente. É possível identificar uma diferença salarial média de 16% entre homens e mulheres que exercem o mesmo cargo de nível médio, já em cargos de chefia, a discrepância chega a 27%. A distância entre os maiores salários de homens e de mulheres em cargos superiores pode chegar a 38%.

O relatório do Fórum Econômico Mundial mostra que, no ritmo atual, o mundo levará mais de 200 anos para alcançar a igualdade salarial entre homens e mulheres, cenário que provoca perdas econômicas para toda a sociedade. Já o levantamento de 2015 do Instituto McKinsey Global calculou que a igualdade de gêneros poderia acrescentar, em um cenário mediano em que os países alcancem o ritmo dos países mais igualitários de suas regiões, a quantia de até US$ 12 trilhões ao PIB mundial em 2025. Dessa forma, em um cenário ideal de igualdade plena, onde mulheres participariam na economia de modo idêntico aos homens, os ganhos poderiam chegar a US$ 28 trilhões no PIB anual global. Em 2015, esse valor era o mesmo que a soma das duas maiores economias do mundo, EUA e da China.

Um outro estudo do Fundo Monetário Internacional (FMI) indica que mulheres mais fortes financeiramente demonstraram maior probabilidade de investir no bem-estar familiar e a tomar mais decisões financeiras mais inteligentes, que repercutem na educação e na saúde de sua família, o que pode impactar em menos pobreza, mais crescimento econômico e redução da desigualdade.

Ainda, a maior representatividade das mulheres (em instituições financeiras, por exemplo) leva a mais estabilidade financeira, o que na prática também é menor endividamento, melhores decisões corporativas, mais eficiência e menos chance de crises financeiras. Segundo o FMI, menos de 2% das CEOs de instituições financeiras globais são mulheres; elas também são menos de 20% dos membros dos conselhos dessas instituições. No entanto, as mulheres representam 30% dos formandos em economia e cerca de 50% dos formandos em administração

e ciências sociais, gerando um grande contraste com a oferta de mulheres com formação relevante.

Ratna Sahay, coautora do estudo e vice-diretora do Departamento Monetário e de Mercado de Capitais do FMI, afirma:

> "E isso tem grandes implicações, porque muitos países se preocupam com risco sistêmico e estabilidade. Em todos esses aspectos, reduzir a desigualdade de gênero pode ter efeitos macroeconômicos muito positivos"
>
> RATNA SAHAY - FMI

Apesar de todos os dados, a inserção da mulher no mercado de trabalho ainda é influenciada pela questão de gênero, onde a participação feminina é menor quando comparada à masculina (embora exista a questão das diferentes áreas de atuação). Mesmo com o crescimento expressivo nos últimos anos, o papel da mulher como “mãe” é crucial em determinar a participação delas no mercado de trabalho, e que na maioria das vezes funciona como um fator impeditivo. A posição ocupada pela mulher dentro da família influencia o grau de atividade dessa mulher. A remuneração é inferior à masculina em todas as profissões, a opções de ocupações disponíveis às mulheres é menor do que para os homens, sobram para as mulheres as profissões ligadas ao ensino, enfermagem, indústria têxtil, além do setor de serviços, onde a participação das mulheres é a grande maioria e bastante relevante.

3.3 - Representantes que Impactam

No Brasil, coma intensão de amenizar alguns desses problemas de desigualdade de gênero, parlamentares já tentaram aprovar projetos de lei para diminuir essa diferença. O projeto 6.653/2009, por exemplo, da deputada baiana Alice Portugal, estabelece salários iguais e a criação de comissões de igualdade de gênero em todas as empresas brasileiras, no entanto, o texto nunca foi votado pela Câmara.

Fora do Congresso, uma iniciativa da Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) conseguiu colocar o Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça para rodar. Das 16 empresas integrantes da primeira edição (2005/2006), 11 receberam o selo pró-equidade, dado àquelas que se comprometem a oferecer salários e oportunidades iguais. Na quarta edição (2011/2012), 81 participaram. Ainda assim, elas representam uma minoria entre todas as corporações que o país possui.

Também temos Luíza Erundina de Sousa, que hoje aos 84 anos, é deputada federal e antes foi eleita a primeira prefeita mulher de São Paulo. Ao longo de sua vida sempre se destacou na área social. Como deputada Federal, desde 1999, segue sua luta pela defesa de políticas públicas e dos direitos das mulheres. No mandato de prefeita, Erundina teve a

oportunidade de exercer o poder de forma feminina, e servir e exemplo como pedagógica, firmando o papel da mulher como sujeito político e sendo capaz de mudar os paradigmas masculinos que têm servido de exemplo como poder em nossa sociedade. Erundina foi responsável pela criação da Coordenação Especial da Mulher, em dezembro de 1992, qeu hoje tem a missão elaborar, propor, articular, planejar e fomentar a implantação de políticas públicas para a defesa dos direitos das mulheres e equidade de gênero, assim como coordenar projetos e programas para combater todas as formas de discriminação e preconceitos praticados na Cidade de São Paulo.

Abaixo se destaca o plano político, em sua última candidatura pelo PSOL, onde defende diversas pautas importantes para as mulheres e que ajudam no combate da desigualdade de gêneros, sendo elas:

- **1. Descriminalização do aborto**

  Estima-se que a cada minuto uma mulher brasileira interrompa a gravidez. O aborto é considerado um dos maiores causadores de mortes maternas no Brasil, ainda mais cruel com as mulheres mais pobres, que não recebem tratamentos médicos e psicológicos necessários para realizar o procedimento. Baseado nisso, no ano passado protocolamos uma ação no Supremo Tribunal Federal (STF) para descriminalizar o aborto até as 12 primeiras semanas de gestação, entendendo o assunto como uma questão de saúde pública e garantia de direitos constitucionais. Além disso, em 2015, já havíamos apresentado um projeto de lei com os mesmos objetivos, de autoria do deputado Jean Wyllys (RJ), que aguarda tramitação. É pela vida das mulheres! Combate à desigualdade salarial

  O PSOL tem um projeto de lei, proposto inicialmente pela ex-deputada federal Luciana Genro (RS) em 2010 e reapresentado pelo deputado Chico Alencar (RJ) em 2011, para proibir e pensar mecanismos de fiscalização contra a desigualdade de salário entre homens e mulheres, prevendo punições. Atualmente, ele tramita apensado a um outro projeto e aguarda apreciação pelas comissões da Câmara.

- **Mais mulheres na política**

  A deputada federal Luiza Erundina (SP) tem um Projeto de Emenda à Constituição (PEC) que determina a representatividade proporcional de ambos os sexos na composição de Mesa e Comissões na Câmara dos Deputados e no Senado Federal – ou seja, beneficia as parlamentares mulheres, que são subrepresentadas nos colegiados do Congresso. O projeto recebeu parecer favorável e foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça em 2016. Agora, aguarda votação no Plenário do Senado.

- **Direitos a estudantes grávidas**

  Consciente de um histórico de prejuízo das mães quanto às oportunidades de estudo por conta da maternidade, o deputado Jean Wyllys (RJ) apresentou um projeto que garante a realização de provas e o recebimento de instruções em casa, com direito à tutoria, acompanhamento pedagógico e ensino à distância para as estudantes gestantes. O projeto já foi aprovado na Comissão da Mulher e aguarda agora a tramitação nas demais comissões da Câmara. Que nenhuma mulher tenha que interromper seus estudos por conta da gravidez!

- **Combate à violência**

> Em todo Brasil, nossas vereadoras apresentam ações e projetos para combater a violência de gênero. Dentre eles, está o pedido de Sâmia Bomfim, em São Paulo, para a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que apure casos de violência contra as mulheres na capital paulista. No Rio, Marielle Franco tem um projeto chamado #AssédioNãoÉPassageiro para combater o assédio no transporte público carioca. Em Niterói, Talíria Petrone propôs a obrigatoriedade do ensino de noções básicas sobre a Lei Maria da Penha nas escolas da rede pública municipal. Juntas somos mais fortes!
>
> PSOL – 25/01/2018

Mesmo com esse empenho de Luíza Erundina, e outras mulheres que têm um papel significativo na nossa política, como Marta Suplicy (Senadora), Sâmia Bomfim (deputada federal) e Tabata Amaral (deputada federal), é preciso que as direções dos partidos tenham, na verdade, interesse em escolher mulheres para se candidatar, pois os números comprovam que a representação política das mulheres ainda é muito pequena. No Brasil mulheres ocupam a bancada feminina na Câmara teve um aumento de 51 para 77 deputadas, 15% das cadeiras da Casa serão ocupadas por mulheres, em vez dos 10% antes de 2018.

O percentual de mulheres concorrendo ao cargo de deputada federal nas eleições de 2018 foi de 31% das candidaturas, percentual semelhante ao de 2014. Esse número é pouco superior ao número de candidaturas femininas exigido pela Lei das Eleições (9.504/97), que é de 30% do total. Com 15% de mulheres na Câmara dos Deputados, o Brasil continua bem abaixo da média na América Latina. Nos países latino-americanos e do Caribe, a média do número de mulheres parlamentares nas Câmaras de Deputados ou Câmaras Únicas é de 28,8%. Abaixo vemos um gráfico que mostra, apesar de pouco, o crescimento da presença feminina na Câmara.

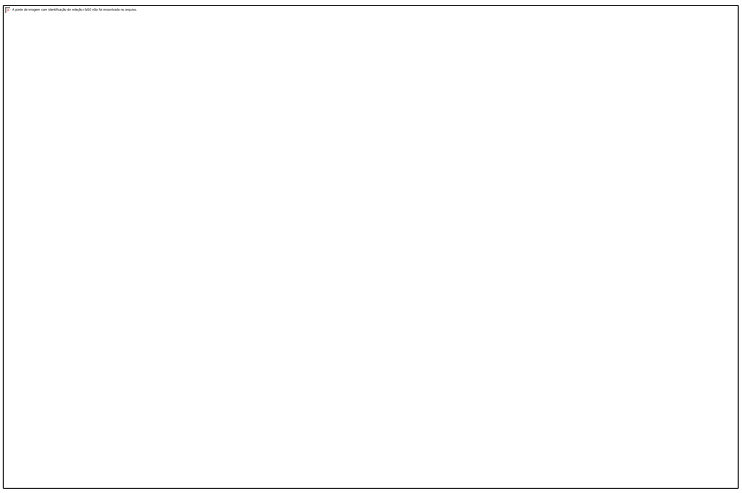

Gráfico 12
Fonte: https://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/POLITICA/564035-BANCADA-FEMININA-NA-CAMARA-SOBE-DE-51-PARA-77-DEPUTADAS.html

Por ainda ter essa representatividade tão pequena, é importante que além da política e cotas no governo, que tenhamos mais representatividade das mulheres em diversas outras áreas, como fez Rose Marie Muraro, uma mulher fundamental para o movimento feminista no Brasil e no mundo. Como escritora e intelectual, além de feminista brasileira, ela se dedicou à reflexão teórica sobre os direitos das mulheres, iniciou discussões sobre as relações de mulheres, homens e sociedade no Brasil e escreveu mais de 40 livros, entre eles obra *Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil.* Por toda a sua contribuição na luta pelos direitos das mulheres, em 2005, Rose Marie Muraro foi reconhecida, pelo Congresso Nacional e pelo governo brasileiro, como Patrona do Feminismo Nacional. Recebeu diversos títulos e distinções, entre elas os Prêmios Bertha Lutz, em 2008, e Teotônio Vilela (2009), ambos do Senado Federal, e as honrarias Cidadã Honorária de Brasília, em 2001, e de São Paulo, em 2004 e em 2009, inaugurou o Instituto Cultural Rose Marie Muraro onde trabalhava até a sua morte, em 21 de junho de 2014.

3.3.1 - Iniciativas e Mulheres que Melhoram o Mundo para Todas (e todos)

É importante ressaltar que apesar do cenário crítico que o Brasil se encontra na luta pela igualdade de gênero, e os resultados desanimadores de estudos, pesquisas e realidade, devemos nos apegar a outras iniciativas institucionais que aos poucos vêm afetando o modo como vemos o papel da mulher e do homem na nossa sociedade. Alguns projetos e figuras influentes contribuem para o avança, mesmo que pouco, de uma sociedade mais igualitária. São estes:

- **HeForShe**

  Como o alcance da igualdade de gênero requer uma abordagem inclusiva, que reconheça o papel fundamental de homens e meninos como parceiros dos direitos das mulheres e detentores de necessidades próprias baseadas na obtenção deste equilíbrio, o movimento ElesPorElas (HeForShe) busca a cooperação de homens e meninos como parceiros igualitários na elaboração e implementação de uma visão comum da igualdade de gênero que beneficiará toda a humanidade. Esse projeto, que foi criado pela ONU

  Mulheres, é um esforço global para envolver homens e meninos nessa luta por igualdade, removendo barreiras sociais e culturais que impedem as mulheres e os homens de atingirem seu potencial, e ajudar homens e mulheres a modelarem juntos uma nova sociedade.

  Desde seu lançamento nas Nações Unidas, em 20 de setembro de 2014, pela Diretora Executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka; pelo Presidente da

69a sessão da Assembleia Geral da ONU, Sua Excelência Sam Kutesa Kahamba; pelo Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-Moon; e pela Embaixadora Global da Boa Vontade da ONU Mulheres, Emma Watson, centenas de milhares de homens de todo o mundo, incluindo Chefes de Estado, CEOs e celebridades globais de todas as esferas assumiram um compromisso com a igualdade de gênero. A Estratégia global do movimento ElesPorElas está organizado nos seguintes princípios:

> **Atenção:** educação, sensibilização e conscientização
> Homens se identifiquem com as questões da igualdade de gênero, reconhecendo o papel fundamental que eles podem desempenhar para acabar com a desigualdade enfrentada por mulheres e meninas em todo o mundo, em suas próprias vidas e também em níveis mais estruturais em suas comunidades.
>
> **Argumentação**: impacto através de políticas e planejamento
> Apoia a agenda de políticas e planejamento da ONU Mulheres, envolvendo homens e meninos na realização de seus objetivos estratégicos: Empoderamento Econômico das Mulheres; Fim da Violência Contra as Mulheres; Governança e Liderança; e Paz e Segurança.
>
> **Ação**: captação de recursos e outras ações
> Diretrizes de implementação abrangentes, possibilitando a mobilização social de indivíduos, governos, ONGs, agências das Nações Unidas, universidades e empresas. O programa-piloto "Impacto 10x10x10″ é uma proposta para o envolvimento de governos, empresas e universidade.
> http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/

No Brasil, diversas figuras masculinas apoiam esse projeto que desde de 2014 impacta, não só mulheres e homens no Brasil, mas no mundo todo.

- **Nobels da Paz**

Greta Thunberg, indicada ao prémio Nobel da Paz e Malala Yousafzai, laureada com um prémio Nobel, são outras duas figuras fortíssimas a luta por um mundo mais justo para todos e representantes do poder feminino.

- **Greta Ernman Thunberg**

Sueca, ativista do clima. Em 2018, cursando o nono ano, decidiu não frequentar a escola até as eleições gerais Suécia, em 9 de setembro, depois de ondas de calor e incêndios na Suécia. Seus pedidos foram que o governo da Suécia reduzisse as emissões de carbono, de acordo com o Acordo de Paris, e ela protestou sentando do lado de fora do Riksdag todos os dias, durante o horário escolar com o sinal de "Skolstrejk för klimatet" (de greve da escola pelo clima).

Após as eleições gerais, ela continuou a greve somente nas sextas-feiras, que ganhou atenção mundial. Protestos semelhantes foram organizados em outros

países, como a Holanda, a Alemanha, a Finlândia e a Dinamarca. Na Austrália, milhares de estudantes foram inspirados por Thunberg a fazer greve na sexta-feira, ignorando os comentários do Primeiro-Ministro Scott Morrison que diziam "mais de aprendizagem nas escolas e menos ativismo". Utilizando a tecnologia para se comunicar, ela usou hashtags e disseminou a consciência online. Thunberg participou na manifestação Rise for Climate (Erga-se pelo clima) em frente ao Parlamento Europeu, em Bruxelas, e a Declaração de Rebelião organizada pela Extinção Rebelião em Londres. Além disso, Greta Thunberg foi uma das vencedoras do artigo de debate do Svenska Dagbladet em uma competição sobre o clima para os jovens em maio de 2018. Também foi indicada para o prêmio da empresa de eletricidade Telge Energi para crianças e jovens que promovem o desenvolvimento sustentável, o Prêmio do Clima para Crianças e em novembro de 2018, ela recebeu a bolsa Fryshuset de jovem modelo do ano.

- **Quanto a Malala Yousafzai**

Seu histórico surpreendente de luta pela educação, para que meninas tenham acesso a educação. No início de 2009, quando tinha 11-12 anos de idade, Malala escreveu para a BBC um blog sob pseudónimo, no qual detalhava o seu cotidiano durante a ocupação talibã, as tentativas destes em controlar o vale e os seus pontos de vista sobre a promoção da educação para as jovens no vale do Swat. No verão seguinte, o New York Times publicou um documentário sobre o cotidiano de Malala à medida que o exército paquistanês intervinha na região.

A popularidade de Malala aumentou consideravelmente, dando entrevistas na imprensa e na televisão e sendo nomeada para o prémio internacional da Criança pelo ativista sul-africano Desmond Tutu. Em 9 de outubro de 2012, Malala sofreu um atentado e recebeu 3 tiros. Apesar de sua recuperação difícil, quando a sua condição clínica melhorou foi transferida para um hospital em Birmingham na Inglaterra, ainda em outubro do mesmo ano, o talibãs reiteraram a sua intenção de matar Malala . A tentativa de assassinato desencadeou um movimento de apoio nacional e internacional.

A Deutsche Welle escreveu em 2013 que Malala se tornou "a mais famosa adolescente em todo o mundo”. Uma petição da ONU em nome de Malala com o slogan I am Malala ("Eu sou Malala") foi criada, exigindo que todas as crianças do mundo estivessem inscritas em escolas até ao fim de 2015 e foi essa petição que impulsionou a retificação da primeira lei de direito à educação no Paquistão.

Em 2013, Malala discursou na sede da Organização das Nações Unidas, pedindo acesso universal à educação. Malala foi ainda homenageada com o prémio Sakharov de 2013. Em fevereiro de 2014, foi nomeada para o World Children's Prize na Suécia. Em 10 de outubro, foi anunciada a atribuição do Nobel da Paz a Malala pela sua luta contra a repressão de crianças e jovens e pelo direito de todas as crianças à educação. Com apenas 17 anos, Malala foi a mais jovem laureada com o Nobel.

- **Geledés – Instituto da Mulher Negra**

Esse projeto, criado em abril de 1988, o Geledés é uma organização da sociedade civil que se posiciona em defesa de mulheres e negros por entender que esses dois segmentos sociais têm desvantagens e discriminações no acesso às oportunidades sociais em função do racismo e do sexismo vigentes na sociedade brasileira. O importante desse projeto, além de tentar criar equidade para que mulheres tenham acessos parecidos com os dos homens, é o destaque na questão racial, pois muitas mulheres sofrem pela desigualdade, mas mulheres negras sofrem ainda mais.

Por isso, além de diversas ações alinhadas com outras organizações de direitos sociais que buscam aprimoramento das políticas públicas em suas questões de interesse, o Geledés vem se destacando na Internet por promover o debate sobre questões raciais e de gênero através do seu portal.

CONCLUSÃO

Existe todo um processo dinâmico que cria e recria quais são as áreas para a atuação de homens e mulheres em diversos setores da sociedade, na maioria das vezes submetendo mulheres a uma condição inferior à masculina. Estes valores culturais e psicológicos construídos, embora sejam passíveis de modificações ao longo do tempo, podem ser considerados como um dos fatores responsáveis pela subordinação da mulher na sociedade de forma geral, por isso é importante uma mudança na raiz dessa questão, pois uma modificação estrutural permitiria que a metade feminina da população mundial (e mais da metade, brasileira) alcançasse seu potencial mais plenamente, aumentando suas contribuições para a sociedade toda sem sacrificar sua vida como mulher.

Igualdade de gêneros não é apenas uma questão urgente do ponto de vista social e moral, é também um desafio econômico, pois a igualdade de gênero é boa para os negócios, para a política e desenvolvimento do mundo, pois quando 50% da população é negligenciada, o grupo todo de pessoas que vivem em sociedade, sejam eles homens ou mulheres, desmorona. Portanto,

é imprescindível que mulheres e principalmente, homens, lutem pela igualdade de gênero, pois assim, a sociedade, como um todo, será beneficiada e poderá alcançar seu potencial máximo.

REFERÊNCIAS

[1] APF. Igualdade de género. Disponível em: Disponível em: http://www.apf.pt/violencia-sexual-e-de-genero/igualdade-de-genero

[2] BBC. Dia Internacional da Mulher: a origem operária do 8 de março, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43324887

[3] CASA, M. Mulheres no trabalho: bom para elas e para a economia brasileira. WB, 2013 Disponível em: http://www.worldbank.org/pt/news/feature/2013/02/22/Brazil-why-promoting-equal-pay-is-good-for-economy-job-market

[4] CFEMEA. Mulheres na política, mulheres no poder. Disponível em: http://www.cfemea.org.br/index.php/mobile-colecao-femea-e-publicacoes/colecao-femea/70-numero-088-maio-de-2000/252-mulheres-na-politica-mulheres-no-poder

[5] CONALIFE. Congresso Nacional de Liderança Feminina, 2019. Disponível em: http://www.conalife.org.br/

[6] DYBLE, M. et al. Human behavior. Sex equality can explain the unique social structure of hunter-gatherer bands. Science 348(6236):796-8, May 2015.

[7] ELES PorElas. Movimento ElesPorElas (HeForShe) de Solidariedade da ONU Mulheres pela Igualdade de Gênero. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/elesporelas/

[8] FOLHA. E a igualdade de gênero na América Latina?, 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/e-a-igualdade-de-genero-na-america-latina.shtml

[9] FRANCO, L., Idoeta, P.A. Como a desigualdade no pagamento entre homens e mulheres prejudica a economia brasileira. BBC, 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46655125

[10] GGR. The Global Gender Gap Report, 2018. Disponível em: https://www.weforum.org/reports/the-global-gender-gap-report-2018

[11] _____. Global Gender Report, 2018. Brazil. Disponível em: http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2018/data-explorer/#economy=BRA

[12] HANAOKA, F. Papel da Mulher na Economia Brasileira. FGV. Disponível em: https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/publicacoes/papel_da_mulher_na_economia_brasileira.pdf

[13] ITV. Luta pela igualdade de gênero é a grande marca do Dia Internacional da Mulher, 2017. Disponível em: http://itv.org.br/pensando-o-brasil/inclusao-social/luta-pela-igualdade-de-genero-e-a-grande-marca-do-dia-internacional-da-mulher

[14] MALALA Fund. Working for a World where all girls can learn and lead. Disponível em: https://www.malala.org/

[15] _____. La increíble historia de Malala, la niña que el Talibán no quería que estudiara. BBC, 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias/2013/10/131007_malala_historia_lp

[16] MM360. Associação Movimento Mulher 360. Disponível em: http://movimentomulher360.com.br/institucional/o-movimento/

[17] PSOL. 5 ações do PSOL em defesa dos direitos das mulheres. 2018. Disponível em: http://psol50.org.br/5-acoes-do-psol-em-defesa-dos-direitos-das-mulheres/

Prefeitura de SP. Coordenação de Políticas para as Mulheres.

[18] _____. Centros de Referência da Mulher (CRMs),

[19] _____. Centros de Cidadania da Mulher (CCMs)

Disponíveis em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/mulheres/a_secretaria/index.php?p=242277

[20] ROCHA, P. Mulheres sob todas as luzes: a emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado. Leitura, 2009.

[21] ROSEAU, J. J. Discourse on Inequality(1755). Disponível em: https://www.aub.edu.lb/fas/cvsp/Documents/DiscourseonInequality.pdf879500092.pdf

[22] UNESCO. International Day for the Elimination of Violence against Women. Disponível em: https://en.unesco.org/commemorations/eliminationofviolenceagainstwomenday

[23] _____. Orange the World Campaign. Disponível em: https://en.unesco.org/commemorations/eliminationofviolenceagainstwomenday/orangetheworld

[24] _____. Lei no. 11.340: Maria da Penha. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000218596_por

[25] ONU. Pela primeira vez, mulheres ocupam chefia de todas as comissões regionais da ONU, 2019. Disponível em: https://nacoesunidas.org/pela-primeira-vez-mulheres-ocupam-chefia-de-todas-as-comissoes-regionais-da-onu/

[26] _____. Mulheres. Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres. Disponível em:https://nacoesunidas.org/agencia/onumulheres/

[27] VALERO, C. Greta Thunberg, en Alemania: "No nos detendrán". El mundo, 2019. Disponível em: https://www.elmundo.es/internacional/2019/07/19/5d31d136fc6c83316a8b4696.html

[28] VAN Trosenburg, A. O momento de garantir a igualdade de gênero é agora. Epoca Negocios, 2019. Disponível em: https://www.worldbank.org/pt/news/opinion/2019/03/08/ahora-el-momento-de-garantizar-la-igualdad-de-genero

[29] WWRZEL, J. et al. McKinsey Global Institue. How advancing women's equality can add $12 trillion to global growth. McKinsey Global Institute, 2015. Disponível em: https://www.mckinsey.com/featured-insights/employment-and-growth/how-advancing-womens-equality-can-add-12-trillion-to-global-growth